

## **Tapetes em massa de cimento: ladrilhos hidráulicos em Pelotas**

Andréa do Amaral Dominguez

Universidade Federal de Pelotas, Mestranda do PPG Memória Social e Patrimônio Cultural.

Carlos Alberto Ávila Santos.

Universidade Federal de Pelotas, Centro de Artes, Docente, Doutor, Orientador.

**Resumo:** O artigo apresenta resultados de pesquisa, em desenvolvimento, sobre os ladrilhos hidráulicos que revestem e ornamentam os pisos das construções ecléticas tombadas em Pelotas. Distingue os artefatos utilizados nas pavimentações externas dos centros urbanos, daqueles usados nos ambientes interiores das construções do final do século XIX e início do XX. De maneira sintética, discorre sobre as origens da técnica, sobre os materiais empregados e sobre o processo de confecção das peças. Apresenta exemplos. Ressalta os valores estéticos e históricos destes verdadeiros tapetes realizados em massa de cimento, que são bens integrados à arquitetura pelotense edificada na época.

**Palavras-chave:** Ecletismo; Bens Integrados; Ladrilho Hidráulico; Patrimônio Cultural.

### **Introdução:**

O ladrilho hidráulico é um produto tipicamente artesanal, produzido totalmente à mão, peça por peça, em um processo de fabricação que se mantém igual, desde o início do século XIX até os nossos dias. Com o advento da descoberta do cimento pelo químico britânico Joseph Aspdin, em 1824, o ladrilho hidráulico encontrou sua formulação, não sofrendo alteração em sua composição final. Em 1867, o artefato foi apresentado na “Exposição Universal de Paris”, como uma cerâmica que não necessitava de cozimento, substituindo o emprego da pedra para o revestimento de pisos, no caso, o mármore. No final do século XIX e início do XX, o artefato ganhou notoriedade, devido aos movimentos artísticos de vanguarda, como o *Art Nouveau* e o *Art Déco*. Por sua grande possibilidade decorativa, conquistou renomados arquitetos e grandes artistas, como Gaudi, Cadafalch e Morris. O novo material para o revestimento de pisos foi introduzido no Brasil, possivelmente, por construtores e artesãos de origem italiana.

A partir da metade do século XIX, o ladrilho hidráulico passou a ser amplamente utilizado nas áreas "frias" das residências brasileiras. Daí em diante, nas casas modestas utilizava-se um ladrilho liso, com desenhos simples em uma ou duas cores, normalmente geométricos, formando mosaicos ou tapetes. Nas moradas destinadas às famílias abastadas, o desenho era mais sofisticado, com estampas mais elaboradas e com maior número de cores, que formavam verdadeiros “tapetes” sobre os pisos das varandas, dos vestíbulos e corredores, das copas, cozinhas e banheiros das residências ecléticas. Estes elementos de revestimento presentes nos pisos dos ambientes das

construções ecléticas pelotenses, são o foco da pesquisa que desenvolvemos no Curso de Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas.

Hoje em dia, há ladrilhos hidráulicos táteis recomendados para os passeios e prédios públicos, que seguem normas de adequação para a sinalização aos deficientes visuais. Na superfície, estas peças recebem ornamentações em relevo com texturas bem marcadas, que as tornam antiderrapantes, motivo pelo qual são utilizadas em áreas externas. Outra característica de grande importância desses artefatos que pavimentam as calçadas dos espaços urbanos é o direcionamento dos desenhos em relevo, que facilitam o escoamento das águas da chuva. Tal tipo de ladrilho, porém, não será investigado na pesquisa proposta (Figura 1).



**Figura 1:** Ladrilho texturizado de uso externo, ao lado de ladrilho liso de uso interno, com desenho complexo em várias cores. **Foto:** Daniela Xu.

A fabricação do ladrilho hidráulico liso é destinado ao revestimento dos pisos de uma edificação acontece na seguinte ordem. As peças normalmente são quadrangulares e apresentam as dimensões de 20x20cm, determinadas pelo tamanho do bastidor<sup>1</sup>. A primeira ação é a colocação da matriz<sup>2</sup> no interior do bastidor, ambos previamente umedecidos com uma mistura de óleo de linhaça e querosene. Depois, dá-se a distribuição da argamassa de acabamento<sup>3</sup>, preparada com cimento, água e corante – que dá as cores da peça –, derramada nos diferentes compartimentos criados na matriz. Em seguida, a matriz é cuidadosamente retirada do bastidor. Após, é feita a colocação da argamassa base, composta de areia fina misturada ao cimento seco. Na sequência, a peça recebe

---

<sup>1</sup> Bastidor: espécie de caixilho de metal que segura o molde ou fôrma com o desenho da peça, para sua produção.

<sup>2</sup> Matriz: Molde para a fundição de qualquer peça. No caso dos ladrilhos, são feitas em cobre ou aço inox, por serem metais maleáveis e que aceitam o detalhamento dos desenhos.

<sup>3</sup> Processo: há três tipos de argamassa para a produção dos ladrilhos hidráulicos. A primeira é a argamassa de acabamento, onde está a face aparente da peça, o desenho e as cores. A massa é praticamente líquida e deve ocupar cerca de 5 mm. A segunda, chamada de argamassa base ou camada intermediária, é bem seca, e deve ocupar 5 mm de espessura. A última é a argamassa úmida ou camada de aderência, com 10 mm.

uma terceira camada de areia misturada ao cimento, que são levemente umedecidos e tornam a massa mais grossa. Finalmente, é executado o fechamento do bastidor e a prensagem. A operação de prensa é feita de uma só vez. Então, espera-se a "cura"<sup>4</sup> da peça, feita pela imersão em água, por um período de, no mínimo, sete horas, sendo ideal um tempo de imersão de até três dias.

O processo exige, portanto, dois artesãos muito qualificados: o que faz o desenho da matriz de metal e o que fabrica o ladrilho. Originalmente, o cobre foi utilizado para produção das matrizes. Mas, nos dias de hoje, pelo custo e escassez deste, tem-se usado aço inox, que resiste muito bem à prensagem. Quanto mais hábil e experiente o primeiro profissional, maior será a qualidade da estampa criada para o ladrilho. O segundo profissional ou ladrilheiro, se bem treinado, será capaz de evitar escorrimentos de pigmentos de um compartimento para outro – por cima da matriz, ou por baixo das seções delimitadas – o que ocorre quando a pigmentação é adicionada em demasia. Este momento do processo é um trabalho demorado e delicado. O custo dos ladrilhos com desenhos mais elaborados e maior número de cores, é mais alto. Atualmente, quem mais utiliza o ladrilho hidráulico são os órgãos administrativos, que pavimentam grandes áreas externas com peças antiderrapantes. A resistência dos ladrilhos – lisos ou em relevo – ao desgaste é extremamente alta. Por isso, ainda hoje o artefato é recomendado para o revestimento de pisos dos espaços urbanos com grande circulação de pedestres.

### **O ladrilho hidráulico liso desenvolvido nos pisos dos prédios ecléticos pelotenses**

Na região meridional do Brasil, as povoações se firmaram em pilares agrários estruturados, sobretudo, nas fazendas de criação de gado bovino, a principal riqueza da zona da campanha gaúcha. Em Pelotas, na metade do século XIX, às margens do Arroio Pelotas e do Canal São Gonçalo, estruturou-se um núcleo charqueador, que aproveitou a matéria prima proveniente das estâncias de criação. A localização da cidade junto aos veios navegáveis contribuiu para a implantação das manufaturas do charque e de seus subprodutos. Mais de trinta charqueadas contíguas se estabeleceram nas margens ribeirinhas da localidade (GUTIERREZ, 1993), cujo apogeu de produção ocorreu entre os anos de 1860 e 1890 (MAGALHÃES, 1993). Através da navegação era importado o sal para as áreas de salga das carnes. As embarcações à vela também viabilizaram a exportação da produção através do São Gonçalo, da Laguna dos Patos e do Oceano Atlântico, escoada por meio do porto da cidade de Rio Grande, o único porto marítimo do Rio Grande do Sul. Através do mar, o charque pelotense era enviado ao centro e ao nordeste do país e nutria os negros cativos que trabalhavam nas lavouras de café e de cana-de-açúcar. As carnes

---

<sup>4</sup> Cura: Processo químico/físico que o cimento sofre quando em contato com a água, pelo qual, o cimento endurece (seca).

salgadas em Pelotas também alcançavam outros países que mantinham negros escravos, como: Cuba e os Estados Unidos.

Em todos os verões, o gado era transportado “em pé”, desde os campos dos municípios de Bagé e de Jaguarão até Pelotas, onde as rezes eram vendidas aos proprietários das charqueadas pelotenses. Nas áreas de salga, os animais eram abatidos, esfolados e esquartejados. Os couros estaqueados curtiam ao sol. As carnes salgadas, estendidas em varais, secavam a céu aberto. As graxas cozidas em caldeiras eram embaladas em bexigas e destinadas ao comércio, para serem utilizados na culinária. Os sebos, também fervidos, formavam cubas destinadas à venda para a fabricação de sabão e de sabonetes. Os ossos alimentavam as caldeiras. Depois, as cinzas serviam como adubo e eram exportadas para a Europa. As vísceras e o sangue dos animais, não aproveitados, eram jogados nas águas. Em todos os setores trabalhavam os negros escravos (GUTIERREZ e SANTOS, 2012). Criou-se assim, uma interdependência entre as cidades da campanha gaúcha. Nas estâncias de Bagé e Jaguarão era criado o gado bovino. Em Pelotas produzia-se o charque e seus derivados. Em Rio Grande era efetuada a exportação da produção (SANTOS, 2007).

A produção/exportação do charque e de seus subprodutos enriqueceu em pouco tempo os charqueadores pelotenses. A riqueza acumulada, associada ao desenvolvimento do comércio e dos serviços na área urbana, contribuiu para que a localidade ascendessem como principal polo da zona da campanha. A cidade atraiu indivíduos do interior da área e de outras regiões do país, e estrangeiros que para o local se transferiram em busca de melhores condições de vida; tornou-se, então, um centro cosmopolita. Enquanto grande parte da população, em sua maioria escravos de origem africana, trabalhava de sol a sol e de sal a sal, alguns dos filhos dos fazendeiros, charqueadores e comerciantes embarcavam em viagens culturais ao Rio de Janeiro ou ao Velho Mundo, para saciar sua sede por novas ideias. Isto implicou no desenvolvimento da cultura local. No decorrer dos anos de 1800, a localidade recebeu o título de “Princesa do Sul”, mantenedora financeira dessa sociedade em ascensão. No relato de um dos mais ilustres viajantes destas paragens, podemos ver que Pelotas, em 1822, já tinha um centro urbano definido:

Situada em uma vasta planície, foi erigida a sede da paróquia e conta com mais de cem casas. Se adotou um plano regular na construção da aldeia. As ruas são bem largas e alineadas; a praça pública onde está construída a Igreja é pequena, porém mui bonita. A frente da maior parte das casas é asseada. Não se vê em São Francisco de Paula um único casebre, tudo aqui denuncia bem-estar. Na verdade as casas somente têm um pavimento, porém estão muito bem construídas, cobertas de telhas e guarnecidas de vidros (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 82).

A cidade cresceu à sombra de influências arquitetônicas e de planejamento originadas da Europa, como o urbanismo e o historicismo eclético. O último se desenvolveu nas caixas murais

dos palacetes edificadas no centro urbano a partir da década de 1870. Deste intercâmbio cultural, chegou nas bagagens dos viajantes também a semente do ladrilho hidráulico. Logo foram implantadas as primeiras manufaturas para a fabricação dessas peças, que prosperaram e alimentaram a demanda dos novos elementos para o revestimento de pisos, o ladrilho hidráulico liso, que criava verdadeiros tapetes coloridos sobre o chão das áreas frias das construções. Cada qual com um estilo próprio, adequado às possibilidades econômicas e aos gostos predominantes e díspares.

Os negócios efetuados na Tablada impulsionaram as atividades produtivas, tanto rurais, como urbanas. O já citado estudo de Gutiérrez aborda a combinação, no espaço produtivo das charqueadas, através da utilização da força de trabalho escrava, da atividade de produção de charque (que era exercida nos meses estivais) com a produção de ladrilhos e telhas (nos meses sem tarefas com o gado). Esta relação complementar repercutia no espaço urbano, pois produzia uma ampla disponibilidade de materiais para a construção civil a baixo custo, que servia como alternativa de investimento urbano dos grandes proprietários (GUTIERREZ, 1993, p.178, Apud SOARES, p. 5, 2004).

Configurou-se assim a elaboração dos ladrilhos hidráulicos nos períodos de entressafra da indústria do charque. A identidade dos habitantes desta parcela do Novo Mundo, nascido da miscigenação de índios, negros e europeus, produziu uma iconografia nacionalmente brasileira e, de certa forma, mais gaúcha e regional. Também em Bagé, as características se assemelham às peculiaridades pelotenses, no que se refere, historicamente, à urbanização e ao uso de ladrilhos.

Estes setores se diferenciam em função das características de suas vias. No primeiro momento da povoação, as ruas e passeios são estreitos, as vias pavimentadas com paralelepípedos e calçadas em pedra portuguesa. Nos outros três momentos, as ruas são largas, possuem canteiros centrais arborizados, pequenas rotatórias organizam o fluxo de veículos; as ruas são pavimentadas com paralelepípedos e as calçadas, com ladrilho hidráulico (GUTIERREZ, 2011, p. 6).

Essa paisagem emblemática é presente até os dias de hoje, nas ruas e nos edifícios de Pelotas, guarda a memória de feitos e pessoas que por ela passaram ou viveram. Nas palavras de Fonseca, temos a confirmação do valor memorial e identitário do ladrilho hidráulico, na vida dessa comunidade de origem europeia e pampeana.

Em 1914, no continente europeu, teve início a primeira guerra mundial, quando o imperialismo econômico introduziu fortes consequências sociais e culturais. Nesse mesmo período, a cidade de Pelotas, localizada no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do país, vivenciava o apogeu da indústria do charque, estabelecida no final do século XVIII na região. Esse fator foi determinante para o seu crescimento, transformando a cidade em núcleo de circulação de riquezas. Um dos fatores que determinaram a transformação urbana da cidade foi a produção de ladrilhos hidráulicos, ideia originária da Europa que aliando resistência e beleza, ornava paredes e pisos e diversas moradias pelotenses, além de suas calçadas (FONSECA, 2011, p. 1).

O ofício de ladrilheiro é mantido através da pedagogia do ver e fazer. Presenciamos isso no momento em que desenvolvíamos nossa especialização em Design para Estamparia, na

UFSM/2008, com esse tema em pauta (AMARAL, 2008). Participamos de todo o processo de produção de ladrilhos hidráulicos, criamos novas matrizes em aço inox, que estão no acervo de uma empresa pelotense que mantém a produção de ladrilhos<sup>5</sup>. Obtivemos tal informação através da observação dos funcionários da empresa, onde realizamos a prática e o processo de fabricação das peças de nossa criação. Assim como nas escolas de artes e ofícios, para a fabricação de ladrilhos é necessário um envolvimento emocional com o fazer, para a plena obtenção de um artefato que satisfaça os padrões de qualidade (Figura 2).



**Figura 2:** Exemplo de ladrilho: o

conjunto, o detalhe, a peça única do arremate. **Fotos:** Daniela Xu.

Esses homens de poucas letras são os poucos que, com suas mãos, transformam cimento, areia, água e corantes em peças de arte, para ornar os passeios e os pisos das casas. Esse aprendizado familiar e centenário é um exemplo de memória oral, viva, que encontramos nos centros urbanos. Hoje, convivemos com as várias tecnologias disponíveis para o armazenamento e para a transmissão de informações capazes de formar identidades:

A aquisição de uma identidade profissional ou, mais genericamente, de uma identidade vinculada a poderes e saberes não se reduz apenas a memorizar e dominar certas habilidades técnicas: ela se inscreve, na maior parte dos casos, nos corpos mesmos dos indivíduos (CANDAUI, 2012, p. 119).

A transmissão desse ofício parece ter sido retirada de um quadro antigo, acontece em Pelotas hoje, de maneira semelhante ao que se fazia no século XIX, quando os operários formavam seu *know how* na aprendizagem diária dos canteiros de obras, com artesãos vindos da Europa, que transmitiram a técnica e perpetuaram a tradição de ladrilheiro. É necessária a imersão na hierarquia da produção, pois só se inicia o processo peneirando a areia fina, para a retirada de qualquer resíduo que possa inviabilizar a peça. Posteriormente, passa-se ao laboratório para preparação dos corantes e para o manuseio dos pigmentos, trabalho delicado e de precisão, pois é imprescindível a manutenção de uma determinada cor. Só depois desses estágios é possível entrar na sala de

<sup>5</sup> Portal das Pedras - Rua Leopoldo Broad, 995, Pelotas - RS, CEP: 96070-370. Fone: (53) 3273-0098. [www.portaldaspedras.ind.br](http://www.portaldaspedras.ind.br)

produção propriamente dita. Pegar uma matriz e preparar uma peça de ladrilho, isso sob a observação do ladrilheiro mais antigo, que vai dizendo o que fazer, passo a passo. A organização social do trabalho é um rico objeto de observação das relações entre as escolas artísticas e as produções artesanais:

As formas artísticas são diretamente condicionadas pelas formas sociais. Se estas são estáveis e duradouras, aquelas também o são. A cada transformação social, corresponde uma transformação artística, conseqüentemente, acompanhada de novas ideias e concepções do que seja Beleza, como acontece, aliás, em todos os campos do conhecimento ou da expressão humana (CAVALCANTI, 1963, p. 34).

Essa transformação social de que nos fala Cavalcanti, está no centro do recorte temporal que propomos analisar por meio dessa proposta de trabalho. Reportamo-nos aos efeitos sociais da revolução industrial nos vários âmbitos, das descobertas das ciências químicas e físicas, progressos da arqueologia e da história da arte, às evoluções e revoluções das tecnologias, das artes e do gosto, às mudanças no pensamento arquitetônico. Assim, historicamente, vivemos em um período que marca o surgimento de atitudes conservacionistas e restauradoras para os monumentos e o patrimônio histórico e cultural. Algumas atitudes podem ter caráter tanto positivo como negativo, ocasionando acirradas divergências com as políticas de restauração dos monumentos. Adota-se uma disciplina autônoma para a discussão do assunto.

A consagração do monumento histórico aparece, pois, diretamente ligada, tanto na Grã-Bretanha quanto na França, ao advento da era industrial. Mas esse advento e suas conseqüências não são interpretados de modo idêntico nos dois países, no que se refere à sua influência sobre o destino das sociedades ocidentais (CHOAY, 2006, p. 137).

Desta forma, destacamos que cada nação tem posturas distintas em relação aos monumentos que mantém, assegurando sua memória e identidade. Desde o início dos 1800, até hoje, muitas teorias e tratamentos foram dados ao patrimônio, inclusive seu conceito passou por modificações semânticas profundas, que acarretaram o surgimento de políticas de proteção do patrimônio cultural como forma definitiva, visto que não só de objetos físicos este é constituído. As atividades do dia a dia são encaradas como parte do patrimônio imaterial: danças, crenças, literatura e técnicas de artesanato que se mantém e/ou vão sendo modificadas, à medida que surgem novas possibilidades de melhorar a eficiência da produção, sem perda na qualidade, ou ainda, com ganho de qualidade para o artesão, seja com a inclusão de novas ferramentas ou economia de matéria-prima.

Na presente pesquisa, trabalhamos com o conceito de patrimônio usado pela pesquisadora francesa Françoise Choay:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum; obras e obras-primas das belas-artes e das artes

aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos (CHOAY, p. 11, 2006).

Vemos essas características presentes no acervo de ladrilhos da cidade de Pelotas, o qual há muito tempo não recebe o devido reconhecimento, como o significado memorial e cultural associado à sua utilização. Acreditamos, no entanto, que o modo de produção, enquanto artesanato e manufatura, leva em si uma carga cultural pouco evidenciada, pois muitas pessoas da comunidade não fazem a menor ideia de como se produz o ladrilho e, muito menos, a razão dele ser chamado de hidráulico. Daí o interesse da pesquisa em andamento que, num primeiro momento, se dedica ao inventário dos tapetes ornamentais organizados sobre os pisos dos casarões tombados de Pelotas. Na sequência, o trabalho discorrerá sobre cada uma dessas decorações realizadas em massa de cimento, que se incluem nos bens integrados à arquitetura eclética local.

Serão desenvolvidos e aprofundados tópicos, como: as origens; o transplante da técnica para o Brasil e para Pelotas; o processo de execução; os estilos e particularidades dessas peças; os materiais e instrumentos utilizados para a sua confecção, as manufaturas implantadas em Pelotas para a fabricação de ladrilhos. Com isso, pretendemos evidenciar os valores históricos e estéticos desses bens materiais, cujo fazer implica nos bens imateriais, contribuindo para o reconhecimento desses antigos elementos pela sociedade pelotense, buscando a preservação dos mesmos. O que deve ser estendido às ornamentações desse tipo existentes nos prédios inventariados pela Secretaria de Cultura de Pelotas, através dessa pioneira visibilidade que pretendemos proporcionar a essas peças integradas aos prédios e à vida dos pelotenses.

## **Conclusão:**

Acreditamos que o ladrilho hidráulico deva ser alvo de uma pesquisa detalhada, que envolva o inventário das peças encontradas no revestimento dos pisos dos casarões ecléticos tombados na cidade de Pelotas. Além dos registros característicos da técnica, o inventário permitirá dissertar com fundamentação sobre os materiais e as técnicas utilizadas para a confecção desses artefatos. Sobre as origens e os diferentes usos dessa técnica de pavimentação.

Os tapetes realizados com ladrilhos hidráulicos são bens integrados à arquitetura local. Devem ser investigados para que recebam o reconhecimento dos valores históricos e estéticos que possuem e, sejam preservados e restaurados. Posto que esses bens materializam o gosto da elite pelotense do final do século XIX e início do XX, que usou de diferentes técnicas e materiais para enriquecer as edificações erguidas entre os anos de 1870 e 1931.



## Referências:

- AMARAL, Andréa Jorge do. **Petroglifos do abrigo de Caemborá**; um referencial para a criação de design para ladrilhos hidráulicos. 2008. Monografia (Curso de Especialização em Design de Estamparia) Universidade Federal de Santa Maria.
- CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTI, Carlos. **História da Arte**. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1978.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2006.
- GUTIERREZ, Ester. J. B. **Negros, Charqueadas & Olarias**: um estudo sobre o espaço pelotense. Pelotas: Ed. UFPel, 1993.
- GUTIERREZ, Ester; NEUTZLING, Simone. O patrimônio urbano da rainha da fronteira. Bagé/RS In: **Revista Memória em Rede**. Pelotas, v.2, n.5, abr / jul. 2011.
- GUTIERREZ, Ester; SANTOS, Carlos. **Narrativas macabras**: registros literários e iconográficos das charqueadas do sul da América. 2013. Artigo. (Anais do XII Seminário de História da Arte) Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas. Disponível em: [periodicoseletronicossufpel](http://periodicoseletronicossufpel)  
Acesso em: 10/09/2014.
- FONSECA, Márcia; FERREIRA, André. **Etnomatemática e arte na construção de ladrilhos hidráulicos**: aproximando saberes. 2011. Artigo (Anais do XIII CIAEM-IACME). Recife, 2011.
- MAGALHÃES, Mário Osório. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul**: um estudo sobre a história da cidade de Pelotas (1860-1890). Pelotas: Ed. UFPel/Mundial,1993.
- SAINTE-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila. **Ecletismo na fronteira meridional do Brasil: 1870-1931**. 2007. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo – Área de Conservação e Restauro) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.
- SOARES, Paulo Roberto Rodrigues. **A cidade meridional do Rio Grande do Sul**: cidade pampeana ou brasileira? In: Horizontes Urbanos. Pelotas: Armazém Literário, 2004, v.1, p.118-138.  
Acesso em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/1/s14a2.pdf>